

Paulo Bertran

Paulo Bertran

Por Jaime Sautchuk

Jornalista

out./2011

Paulo Bertran é, seguramente, o pesquisador brasileiro que melhor desbravou o Brasil Central, trabalho que está presente em sua exuberante obra. Hoje, ninguém pode dizer que conhece verdadeiramente a História do Brasil se não tiver se embrenhado na obra de Bertran.

O livro *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, com o subtítulo *Eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador*, acaba de ser reeditado pela Editora Universidade de Brasília (EDU/UnB).

No campo da História, ele publicou também, entre outros, os livros *Formação Econômica de Goiás, Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil* e *Notícia Geral da Capitania de Goiás*. Como poeta, o destaque é o livro *Sertão do Campo Aberto*.

Seu nome completo é Paulo Bertran Wirth Chaibub. Ele nasceu em Anápolis, Goiás, em 1948. Fez graduação na Universidade de Brasília (UnB), depois foi estudar na França. Chegou a lecionar em várias universidades, mas os gabinetes acadêmicos nunca foram a sua preferência.

Ele sempre trabalhou com fontes primárias, indo direto às informações. Era enciclopedista, multidisciplinar, pois ia da Geologia à Geografia, da Biologia à Botânica, da Literatura à Arquitetura, nada escapava de seu crivo.

Por isso, ficou conhecido como pesquisador extremamente rigoroso em suas pesquisas bibliográficas e de campo. No Brasil, a pé, em lombo de mula ou boleia de caminhão, percorreu os sertões, as estradas dos bandeirantes, descobrindo o porquê dos nomes dos acidentes topográficos e as histórias do povo.

Em Portugal, vasculhou os arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, onde elaborou interpretações e conclusões questionadoras. Em verdade, revolucionárias. Foi o responsável pela elaboração do Projeto Resgate da Documentação Histórica da Capitania de Goiás no Arquivo Ultramarino de Lisboa.

Premiada no Brasil inteiro, sua obra remonta toda a história da ocupação do Planalto Central, da Pré-História aos anos 1990, o que inclui, portanto, a construção de Brasília. Como seus títulos deixam claro, não se trata da história das elites. É a história da gente que ali chegava, do índio que ali morava e da sua relação com o ambiente do Cerrado.

Ele travou severa batalha para corrigir uma falha da Constituinte de 1988, que, ao tratar dos biomas nacionais, deixou de fora o Cerrado. E com “C” maiúsculo, como Amazônia ou Mata Atlântica. Até porque, como dizia e demonstrava, o Cerrado é muito mais importante do que se difunde até em cartilhas escolares. E criou o vocábulo *Cerratense*, que designa o ser humano deste bioma.

No campo institucional, foi criador do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC-PUC-GO), do Instituto Bertran Fleury (IBF), da revista DF-Letras, entre outros. Criou, juntamente com Graça Fleury, o Memorial das Idades do Brasil, em Brasília, em 2002, um museu a céu aberto, com representações de pinturas rupestres de 22 estados brasileiros.

Fez todos os levantamentos e estudos que viabilizaram o tombamento da Cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade, pela UNESCO. Ao falecer, em 2 de outubro de 2005, por seu desejo, foi sepultado, ali, na antiga capital goiana, onde hoje funciona o Memorial Paulo Bertran.

A educadora Graça Fleury, companheira de Bertran no final de sua vida, define-o assim: “era genial: pianista, pintor, jornalista, inventor, fotógrafo e também poeta. Ele encanta, canta, inspira, escreve histórias e estórias, inventa, celebra, ele se desnuda e ama intensamente, por isto mesmo Paulo Bertran é universal e imortal”.